

também interpretar matemática, ia se sair melhor em história, em geografia. E foi verdade.”

Depois de terminar o ensino médio, Madalena ainda entrou e saiu do convento e trabalhou como empregada doméstica antes de chegar à sala de aula como professora. O primeiro trabalho foi na creche da Ação Social Nossa Senhora de Fátima. Nessa mesma época, ocorreu a descoberta essencial para sua carreira: o método Paulo Freire.

A líder do grupo jovem da paróquia em que atuava, Vânia Rego, ofereceu a casa para desenvolver as atividades do Núcleo Paulo Freire de Alfabetização de Adultos. As palavras geradoras, foco da abordagem freiriana para alfabetização, eram guardadas embaixo dos colchões. Nomes como os dos professores Maria Luiza Angelim, Erasto Fortes Mendonça, Laura Coutinho e Renato Hilário, à época mestrandos da Universidade de Brasília (UnB), foram essenciais para a formação de Madalena e de outros jovens educadores populares de Ceilândia.

Uma mestre certificada

A tão sonhada chegada à universidade só ocorreu em 1996, cerca de 10 anos depois, quando passou para o curso de filosofia na Universidade Católica de Brasília (UCB), depois de ter concluído o mestrado em um curso de complementação pedagógica. “Era difícil arrumar emprego. Era difícil passar na UnB. Era difícil passar na Católica, difícil de pagar. Então, a vontade não faltava, mas não tinha jeito.”

A situação só começou a melhorar quando, no meio do curso superior, Madalena foi aprovada no concurso da Secretaria de Educação do DF. Logo depois, engatou uma pós-graduação na UnB e foi aprovada para o mestrado na área de tecnologias em educação, que resultou na publicação do livro *Cinema como linguagem na educação e na alfabetização de jovens e adultos*.

“E aí eu descobri o mundo, por meio do estudo. Eu não me considero uma pessoa que escreve muito bem ainda, acho que a língua portuguesa é muito complexa. Mas gosto muito de ler”, afirma. O prazer virou desafio nos últimos anos, quando a visão começou a ficar comprometida devido a complicações da diabetes, mas a professora segue confiante e ativa nos grupos de mensagem, sempre

Arquivo Pessoal



Com Paulo Freire, em maio de 1990



Os pais da professora, Maria e Emiliano, que tiveram outros sete filhos



No Cepafre, centro do qual é fundadora



Homenagem do projeto Operária das Artes e Artecei, no mês passado



Madalena durante acompanhamento pedagógico da turma do CEF 30, no Setor Privé

acionada pela comunidade quando o assunto é defender a educação popular e lutar pela melhoria da qualidade de vida da população de Ceilândia. Conta também com a companhia quase diária da mãe, hoje com 76 anos.

Madalena se aposentou da secretaria em 2010. Hoje, representa o Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização Fórum EJA no Conselho

Comunitário de Ceilândia. “Foi guardando cartaz debaixo do colchão da minha amiga Vânia e visitando os alfabetizandos que eu descobri que a educação popular vai onde outras não vão, nem a privada, nem a pública. Quem vai atrás somos nós”, orgulha-se.

Ela perdeu a conta de quantos alunos formou, seja na alfabetização, seja nas séries iniciais do

ensino fundamental, mas foram mais de 20 as turmas de alfabetização. Com o tempo, passou a se dedicar mais às tarefas de coordenação, que ainda acumulou com a atividade no Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre), do qual é fundadora. “A diferença da metodologia de Paulo Freire é que ela discute a realidade: é ler o mundo para escrever o mundo e

transformar o mundo. Nem que o mundo seja só a sua rua”, observa.

Sonhos para Ceilândia

Madalena alimenta diversos sonhos para Ceilândia, alguns deles incluídos na militância do Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (Mopocem). Um dos principais é que a cidade ganhe um segundo hospital, com pronto-socorro. Além do Hospital Regional de Ceilândia, o Hospital Cidade do Sol foi inaugurado em 2021, mas fica na região do Sol Nascente.

Ver o campus de Ceilândia da UnB funcionando à noite seria outra realização para a professora, além de ter uma cidade mais arborizada. “Precisa haver uma consciência ecológica na cidade de Ceilândia, que deve ser trabalhada com o coletivo. A escola pública precisa trabalhar isso com seus estudantes, por exemplo”, atesta. “Onde estão os parques ecológicos de Ceilândia, se nem o Rio Melchior foi revitalizado?”, questiona.

A luta pelo acesso e a permanência dos estudantes na educação de jovens e adultos (EJA) também segue incessante. “Saber ler, escrever, contar, discutir e entender o mundo torna a vida muito melhor, muito mais feliz”, descreve a professora. “Vai adiantar pouco o Brasil se desenvolver com as pessoas sem estudar. Sempre vai ficar uma massa sem estudo, sem nada, embora já tenha melhorado muito.”

“Outra coisa que eu sonho muito, e espero que eu não morra sem isso, é de ver o Cepafre com sede própria”, afirma Madalena. O centro, que completa 37 anos em 2025, funciona em um prédio da UnB em Ceilândia. Em 2019, ela recebeu o título de Cidadã Honorária de Brasília da Câmara Legislativa do DF, em reconhecimento à trajetória na educação popular e ao trabalho na alfabetização de jovens e adultos. Anos antes, havia recebido moção honrosa na mesma Casa.

“Nosso papel nós estamos fazendo: gerando demanda. Não podemos deixar de sonhar os sonhos possíveis. Tem muita coisa que parece impossível, mas, se houver vontade política, gestão de compromisso, com toda a certeza, pode haver mudança. E aí os nossos sonhos, que pareciam impossíveis, tornam-se possíveis. São essas coisas freirianas que aprendemos o tempo todo.”